

## **PREFÁCIO**

*Edgard de Assis Carvalho*

Edgard de Assis Carvalho é professor do Departamento de Antropologia, Pós-Graduação e Graduação da PUC-SP, onde coordena um curso sobre Edgar Morin. Pertence à UNESP de Araraquara e desenvolve um Grupo de Estudos da Complexidade na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, juntamente com a Profª Drª Maria da Conceição de Almeida. Desenvolve ainda um trabalho no CONDEPHAT e é autor de vários artigos.

A construção de uma ética para o futuro demandará um esforço de proporções incomensuráveis e reunirá todos aqueles que acreditam nas forças de conjunção, que solidarizam, fraternizam e universalizam. Será preciso certamente exercitar a futurologia, não entendida obviamente como uma forma de irracionalismo, mas como um modo de entendimento, uma ecologia cognitiva, se quisermos estabelecer um horizonte prospectivo para a vida, as idéias e a cultura planetárias, nesses tempos sombrios e unidimensionais de globalizações técnicas e ressurgimentos étnicos exterminadores.

Foi com acurada clarividência que Hans Jonas, em seu livro *Para uma ética do futuro*, afirmou serem necessárias duas tarefas preliminares a ser levadas a cabo por todos os humanos que ainda investem energia libidinal na boa utopia de um mundo menos antropocêntrico e mais ecocêntrico: a maximização do conhecimento das conseqüências de todos os nossos agires, dada a agonia planetária que acomete a todos nós; a elaboração de uma forma de conhecimento do Bem, certamente transdisciplinar, que fosse capaz de conjugar saberes fatuais e saberes axiomáticos. Para isso, a fabricação do real teria que se pautar pela combinação do intelecto e da emoção, da beleza e da verdade, do necessário e do contingente, da harmonia e do caos.

Essa modalidade renovada de consciência coletiva, destituída de qualquer intenção prometética, seria saturada de complexidade, de *complexus*, ou seja, de agires e fazeres que rejuntariam tudo aquilo que a disjunção cartesiana fez no plano físico, metafísico e metapolítico. Qualquer sistema vivo passaria, então, a ser entendido como um sistema incompleto, indeterminado, irreversível, sempre marcado pela auto-organização que combina, descombina e recombina a ordem, a desordem, a reorganização.

Penso que as três últimas vindas de Edgar Morin ao Brasil têm sido animadas por esse oceano de idéias e atitudes. A cada ano, platéias cada vez mais numerosas vêm escutando suas palavras, admirando seu estilo, por vezes desconfiando de suas intenções. Mas sempre resta alguma reserva de complexidade, alguma ressonância mórfica que, a qualquer momento, poderá vir a se manifestar na teia geral da vida. Ideal seria que a ciência e a Universidade se deixassem contaminar também por essa visão de mundo. Mas, territorializado como está, o conhecimento ainda se nega a enfrentar o desafio, porque parece contente consigo mesmo, encastelado em seus espaços de vigilância, narcisismo e punição, obcecado por avaliações, verbas, siglas e prebendas. Ainda bem que há dissidentes, alguns já desterritorializados, que abdicaram de sua competência disciplinar, para transmitir a alunos, amigos e amantes uma forma mais dionisíaca de se entender a natureza e a cultura.

Em maio de 1998, a Associação Palas Athena, certamente imbuída pelos valores da complexidade, patrocinou a vinda de Edgar para uma série de atividades rubricada pelo título *Antropologia Complexa e a Ética do Futuro*. No TUCA, em vez de uma conferência magistral, optou-se por uma mesa-redonda, com a preocupação de que não fosse uma mera superposição de falas disciplinares tão a gosto de nossas desgastadas associações científicas. Precisava-se de algo mais polifônico, afetivo, prazeroso e poético que descortinasse uma ontologia do social e da ética, mas que fosse oriundo de territórios cognitivos diferenciados, como os da Literatura, da Antropologia e da Física.

E é isso que este pequeno livro pretende trazer à luz com Nelly Novaes Coelho, da Universidade de São Paulo, Maria da Conceição de Almeida, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenadora do primeiro grupo brasileiro de estudos da complexidade, o GRECOM, e com Nelson Fiedler-Ferrara, também da Universidade de São Paulo e, é claro, com Edgar Morin. Em seus textos estão postos o desafio, o descaminho, a utopia, a desordem, a compaixão, a beleza, o amor e o sonho de uma sabedoria fundada na ética da compreensão, do debate e da magnanimidade. Talvez, ali, naquela fria manhã invernal, Dostoievski estivesse animando a todos nós com as palavras de sua narrativa fantástica intitulada *O sonho de um homem ridículo*, de 1877. "Ama a humanidade como a ti mesmo! Isto é tudo e nada mais é preciso; saberás depois como hás de viver. E, além disso, só há uma verdade... uma verdade antiga, antiqüíssima, mas que é preciso repetir uma e mil vezes, e que até agora não se arraigou em nossos corações. O conhecimento da vida está acima da vida; o conhecimento da lei da felicidade está acima da própria felicidade... Eis aí aquilo contra que se deve lutar. E eu lutarei contra isso! Se todos quisessem, tudo mudaria sobre a terra num momento."

**Prefácio de *Ética, Solidariedade e Complexidade*. CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de; COELHO, Nelly Novaes; FIEDLER-FERRARA, Nelson; MORIN, Edgar: São Paulo, Palas Athena, 1998.**

**Divulgação gentilmente cedida pela Editora Palas Athena.**